



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARIANA SOARES PIRES MELO

**UMA ANÁLISE SOBRE A VIOLÊNCIA AFETIVO-CONJUGAL QUEER A
PARTIR DA OBRA “NA CASA DOS SONHOS: MEMÓRIAS” DE CARMEN
MARIA MACHADO**

João Pessoa – PB
2021

MARIANA SOARES PIRES MELO

**UMA ANÁLISE SOBRE A VIOLÊNCIA AFETIVO-CONJUGAL QUEER A
PARTIR DA OBRA “NA CASA DOS SONHOS: MEMÓRIAS” DE CARMEN
MARIA MACHADO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Ciências Sociais do Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito para a
obtenção de título de Licenciada em
Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Marcela
Zamboni

João Pessoa – PB
2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M528a Melo, Mariana Soares Pires.

Uma análise sobre a violência afetivo-conjugal queer
a

partir da obra "Na casa dos sonhos: memórias" de Carmen
Maria Machado / Mariana Soares Pires Melo. - João
Pessoa, 2021.

51 f.

Orientadora: Marcela Zamboni Lucena.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2021.

1. Queer. 2. Lésbicas. 3. Violência afetivo-conjugal.
I. Lucena, Marcela Zamboni. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 3-055.3

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARIANA SOARES PIRES MELO

**UMA ANÁLISE SOBRE A VIOLÊNCIA AFETIVO-CONJUGAL QUEER A PARTIR
DA OBRA “NA CASA DOS SONHOS: MEMÓRIAS” DE CARMEN MARIA
MACHADO**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento as exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais.

Trabalho aprovado em 03/12/2021
Nota: 10,0

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Marcela Zamboni
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
(Orientadora)



Profa. Dra. Simone Magalhães Brito
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
(Membro Interno da Banca)



Dra. Helma Janielle Souza de Oliveira
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
(Membro Externo da Banca)

João Pessoa, dezembro de 2021

Para Marlene, Renato e Glícia.

“(...) o tempo e o espaço, criaturas de proporções e generosidade infinitas”

Carmen Maria Machado (2019, p.324)

Agradecimentos

Agradeço a Deus, a Jesus e aos nossos irmãos espirituais que nos permitiram chegar até aqui.

A meus pais, pelo amor, suporte e apoio.

À Glícia, pelo amor, paciência e força. Por sempre me deixar ser quem sou.

À Marcela Zamboni, minha amiga e orientadora. Eu não poderia ter encontrado ninguém melhor para me ensinar o que sei. Ter você nessa caminhada foi um bálsamo. Minha eterna gratidão.

Aos amigos e companheiros de trabalho nestes anos de formação. Me ajudaram, me fizeram pensar e enxergar o mundo com novas lentes. Serei sempre grata pelas trocas.

A mim, por fechar esse ciclo.

RESUMO

Este trabalho analisa a obra *“Na casa dos Sonhos: memórias”* (2019), da escritora americana Carmen Maria Machado. Nela Machado analisa em especial seu relacionamento com outra mulher: os momentos de encanto, de violência e o fim, bem como suas reflexões sobre a relação, identidade, sexualidade, gênero, violência e política. Ainda que bastante próxima de temas como a violência de gênero e violência doméstica entre casais heterossexuais, a violência afetiva-conjugal entre casais de sujeitos de fora da matriz heteronormativa é ainda um tema pouco explorado também academicamente (LUZ; GONÇALVES, 2014). Consideramos aqui que deva ser analisado a partir dos sentidos de poder que se estabelecem em conjunto com marcadores sociais da diferença. As experiências narradas por Machado nos permitem tratar tanto da invisibilidade deste fenômeno, quanto das especificidades relativas aos processos de violência afetivo-conjugais queer.

Palavras-chave: queer; lésbicas; violência afetivo-conjugal

ABSTRACT

This paper analyzes the book “Na casa dos Sonhos: memórias” (2019), by the American writer Carmen Maria Machado. Machado analyzes her violent relationship with another woman: the moments of enchantment, violence, and the end, as well as her reflections on identity, sexuality, gender, violence, and politics. Although quite close to themes such as gender violence and domestic violence between heterosexual couples, affective-marital violence between queer individuals is still a theme not well explored in academia (LUZ; GONÇALVES, 2014). Here we will observe it considering the power and social markers. The experiences narrated by Machado allow us to deal with both the invisibility of this phenomenon and the specificities related to queer affective-marital violence processes.

Keywords: queer; lesbians; affective-marital violence

SUMÁRIO

SUMÁRIO	10
1 INTRODUÇÃO.....	11
2 “O COMEÇO, O FIM”: A CASA DOS SONHOS: SENTIDOS GERAIS DA OBRA E A VIOLÊNCIA COMO EXPERIÊNCIA.....	17
3. “O PRIMEIRO, O ÚLTIMO”:VIOLÊNCIAS AFETIVO-CONJUGAL ENTRE CASAIS QUEER A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE CARMEN MARIA MACHADO ...	26
3.1 “A beira do abismo”.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisa, a partir do interesse sobre violência e estudos de gênero e sexualidade, o livro *Na casa dos sonhos: memórias* (2019), de autoria de Carmen Maria Machado, pela tradução de Ana Guadalupe. Carmen Maria Machado traz um livro de memórias no qual se debruça sobre o próprio relacionamento amoroso com a “mulher da casa dos sonhos”, um relacionamento violento em diferentes facetas e que nos permite refletir a respeito da violência afetivo-conjugal entre casais queer¹.

O tema da violência afetivo-conjugal, ou ainda da violência doméstica, entre casais queer permanece pouco explorado em comparação com outros temas ligados a violência contra pessoas de fora da matriz heteronormativa (LUZ; GONÇALVES, 2014). É possível elencar determinadas questões que nos permitam compreender tal fato. Um ponto possível se dá em razão dos dados alarmantes do Brasil com relação a violência praticada contra pessoas LGBTQIA+ por pessoas de fora da matriz heteronormativa, em relação direta com sentidos de homofobia. Segundo o Relatório Parcial nº001/2021 do *Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil* (2021), o país registrou 207 mortes de pessoas LGBTQIA+, sendo 187 assassinatos e 18 suicídios. A problemática social associada a elementos como LGBTQIA+fobia e o processo histórico de exclusão e apagamentos de sujeitos queer, tornam urgente análises que nos possibilitem compreender melhor a violência contra essa população.

Outro fato observado dá conta, conforme também observam Luz e Gonçalves (2014), da relação direta que construímos entre violência doméstica e uma perspectiva heterocêntrica, no qual, de maneira geral, o homem é o agressor e a mulher a vítima. Esta percepção também é compartilhada por Tirado, Yedra e Pérez (2014): “La mayoría de la literatura entorno a esta problemática se ha realizado con parejas heterosexuales dificultando el abordaje de otras realidades como la de las parejas homosexuales” (p. 369).

1 Sigo o termo de Carmen Maria Machado, acreditando que queer é uma terminologia mais ampla e que dá alguma visibilidade a sujeitos fora da matriz heteronormativa (BUTLER, 2014). Ampliar os termos importa, nesse momento, para que possamos ampliar também a visão de que violência doméstica, ou violência de gênero, são processos que não ocorrem somente entre casais ditos heterossexuais. Ainda assim, em muitos momentos deste trabalho me referirei aos “sujeitos fora da matriz heteronormativa” como sujeitos próximos ao queer, também no sentido de abarcar diversas identidades e gêneros e refletindo a partir do trabalho de Butler (2004).

É fundamental que reconheçamos situações em que outros sujeitos, não apenas os identificados como homens, possam incorrer como perpetradores de violências – o que de nenhuma forma diminui a urgência do fato de que homens sejam estatisticamente os principais agressores.

Considerando novas formas familiares como as famílias homoafetivas (MELLO, 2005), destaca-se a importância de análise também das formas de violência que perpassam estes núcleos. Para Miriam Pilar Grossi (1998) a violência doméstica é aquela praticada no mundo privado (p. 297), e isso implica relações familiares diversas, incluindo aí as violências afetivo-conjugais que ocorram dentro ou fora do ambiente doméstico.

Conforme observado por Helena Safiotti (2002) ao tratarmos das violências contra a mulher como categoria igual à violência doméstica, perdemos a dimensão de violências praticadas contra crianças, idosos ou outros sujeitos parte do ambiente doméstico. Para ela, “com efeito, a expressão não deixa margem para a concepção e a análise de conduta de mulheres violentas” (p. 3). Em nossa leitura, podemos afirmar que, normalmente não se conecta a noção de violência doméstica à noção de violência contra pessoas não-heterossexuais.

Pontos de vistas heterocentrados (LUZ; GONÇALVES, 2014), que poderíamos chamar também de heteronormativos (BUTLER, 2014), não dão conta de compreender com discernimento relações entre pessoas do mesmo sexo, conformando um processo de invisibilidade sobre o tema. Ainda que possamos falar em elementos semelhantes e que explicam de maneira geral os casos de violência afetivo-conjugal, é fundamental que questões próprias a sujeitos LGBTQIA+ sejam analisadas. Estas questões próprias vão desde as formas de homofobia fora e dentro do relacionamento, que poderão dificultar, por exemplo, que as denúncias sejam feitas ao Estado, até a necessidade de compreensão de que casos de violências afetivo-conjugal entre pessoas do mesmo sexo não são brigas entre iguais.

Estudos acerca do tema poderiam contribuir não apenas para somar entendimento das particularidades do fenômeno quanto para informar intervenções, inclusive pelo Estado, de forma a minorá-lo. (LUZ; GONÇALVES, 2014, p. 81)

Neste momento consideraremos a violência afetivo-conjugal como um conceito mais amplo (GROSSI, 1998). Ela poderá, ainda, acontecer dentro de um relacionamento

cujo conceito de família não esteja explícito, como relações mais breves, encontros sexuais ou românticos.

Aqui, nos aproveitamos da narrativa das memórias de Carmen Maria Machado não para fixar razões que expliquem facilmente o processo violento, mas para, seguindo Maria Filomena Gregori (1993), “entender os contextos nos quais a violência ocorre e o significado que assume” (p.184), em especial tratando-se de processos que ocorrem nas bordas da heteronormatividade².

Considerando o cenário em que se desenrola o livro, é interessante perceber a, de certa forma triste, visão de Machado ao sair de um relacionamento violento na mesma época em que o casamento entre pessoas do mesmo sexo passa a ser legal em todo os Estados Unidos, no ano de 2015. A perspectiva de constituição de uma família prontamente reconhecida pelo Estado, parece ser derrubada pelas violências que se colocaram ao longo do tempo, gerando respostas de dor e pesar. Outros apontamentos feitos por Carmen Maria Machado dão conta também da percepção que a própria comunidade LGBTQIA+ teve por muitos anos, a respeito da violência dentro dos relacionamentos, ou minorando, ou procurando dar atenção a outros tipos de violência, lidando também com o que percebo ser busca por reconhecimento (HONNETH, 2003).

Neste contexto político, Machado nota como parte das questões que tornam invisíveis também a violência afetivo-conjugal entre casais queer, diz respeito a luta por direitos ao longo de décadas que tentaram tornar visíveis elementos que definissem pessoas queer como “efetivamente”, pessoas. Para isso, característica vistas como “erradas” (violências, a agências tidas dissidentes, ou mesmo certo ar disruptivo com relação às normais de gênero) foram sendo gradualmente substituídas por um discurso geral de amor, família e elementos que se aproximassem da chave de entendimento heteronormativo de moralidade (GROSSI, 2003). Nesse processo, poderíamos dizer que as “vilanias queer”, como serão tratadas por Machado as agências de personagens gays e

2 Digo “nas bordas”, porque não faria sentido afirmar que processos violentos entre casais queer não tivessem conexões com as questões da matriz heteronormativa, não podemos dizer que estão fora no sentido do afastamento total. Não considero serem os mesmos processos, pois, como veremos, encaram-se questões muito distintas relativas ao gênero, sexualidade, classes, cor, preconceito e outros elementos que compõem um cenário no qual a violência afetivo-conjugal acontece. Contudo, se podemos observar, por exemplo conforme destacam Gregori e Zamboni (2020), que a falta de suporte familiar em razão do preconceito, traz para a pessoa trans a necessidade de aprofundamento de dependências (como emocional ou econômica) da pessoa com quem mantém um relacionamento, então muito da violência ocorrida entre um casal queer, pode também ser atravessado por elementos constitutivos da heteronormatividade.

lésbicas no cinema e na televisão, são processos que durante anos construíram imagens estereotipadas sobre pessoas queer. Em sua reflexão, o problema reside não necessariamente nas identificações morais entre bons e maus a partir do quanto mais ou menos próximo do controle heterossexual estão os personagens (ou os sujeitos da vida real), mas principalmente na visão deturpada que frequentemente esquece pessoas queer como sujeitos que compartilham de agências comuns a outros sujeitos da matriz heteronormativa, inclusive agências consideradas desviantes, como por exemplo ações violentas. Nem por isso, contudo, deixam de merecer o reconhecimento e respeito por suas identidades. Miriam Pilar Grossi (1998) quando discute a importância da categoria violência afetivo-conjugal, por exemplo, destaca a importância de termos um “deslocamento” sobre a mulher enquanto objeto central, e ampliarmos o universo para, por exemplo, relações homoeróticas (p. 299).

Assim, Machado faz do livro uma boa fonte de análise no que diz respeito a processos de violência-conjugal enfrentados por pessoas queer, na medida em que normalmente estas situações são permeadas por silêncios, vergonhas e invisibilidade tanto em razão da sexualidade (MELO, 2016), quanto em razão da violência em si (NUNAN, 2006 apud LUZ; GONÇALVES, 2014). No caso de pessoas queer, ou pessoas fora da matriz heteronormativas, temos elementos complicadores, em especial a relação com o preconceito e a discriminação; e problemas familiares, ainda que as experiências variem a depender de identidades (GREGORI: ZAMBONI, 2020).

Veremos ainda que não apenas importam os papéis sociais esperados com relação ao gênero e a sexualidade quando falamos da violência afetivo-conjugal. Destacaremos como fazem Santos e Izumino (2005) a questão do poder como fundamental para entender a narrativa de Machado (2019). O sentido de poder e controle são elementos que nos permitem apreender motivações acerca da violência dentro do relacionamento afetivo-conjugal.

Além disso, gostaria de dar ênfase mais à frente na importância da narrativa e da reconstrução da memória e, por sua, vez do cotidiano, como importantes para pensar o processo da violência (DAS, 1999; 2007), em especial da violência afetivo-conjugal. Veremos que essas violências podem ser classificadas pelo leitor de *Na Casa dos Sonhos* como violências psicológicas, físicas, sexuais e morais. Mas para além dos sentidos de classificação, creio ser importante apreender os pormenores que se estabelecem e ajudam

a identificar a relação como violenta. Isto porque as características apresentadas por Machado nem sempre se encaixam nos elementos que normalmente categorizamos como características claras da violência doméstica – ainda que em muitos momentos sim -, pois acompanhamos a tomada de consciência da própria vítima e seus questionamentos sobre o tema, bem como a dificuldade em impedir aquele desenrolar.

Esta análise se dividirá em dois eixos principais. O primeiro capítulo analisará a narrativa pessoal de Carmen Maria Machado, tratada no livro como memória; já o segundo reflete sobre a violência afetivo-conjugal entre casais queer, a partir da história da autora. Entre estes dois momentos temos um fio condutor que se estende para compreendermos o sujeito imerso em questões sociais: a violência. Esta deve ser lida não apenas como explosão de sentimentos individuais, mas como estruturada em sistemáticas sociais relativas a padrões e expectativas de gênero, classe, cor, raça, nacionalidade e outros marcadores. Recorro a fontes como Miriam Pilar Grossi e Wania Pasinato para compreender os sentidos da violência contra mulher em especial o tema do poder, mas busco também as questões próprias de serem compreendidas a partir do relacionamento entre mulheres queer. Como destacou Heleieth Saffioti (2002):

Entende-se que a violência de gênero em geral e a doméstica em especial sejam fenômenos de múltiplas causas. Gênero, classe e etnia combinam-se para determinar formas distintas de se perpetrar violência. (p.11).

Se o debate acerca da violência contra mulher em um relacionamento heterossexual tem tomado contornos mais claros – o que não significa que se coíba os casos de violência – é preciso refletir sobre quais características sociais e individuais podem estar atreladas no caso de violência afetivo-conjugal entre pessoas fora da matriz heteronormativa. Necessitamos estudar tais casos em suas chaves específicas – preconceito, dependências financeira e emocional, sexualidade, dentre outros – dando maior entendimento a tais processos e os tornando mais visíveis. Tento, a partir dos exemplos compartilhados por Maria Carmen Machado, traçar contiguidades e entendimentos a respeito da violência afetivo-conjugal que permita jogar luz também sobre a violência entre casais queer. Neste sentido mobilizaremos elementos do conceito de experiência (BRAH, 2006, DAS, 2012), e violência em seus sentidos mais gerais.

Considerando que muitas das vivências de pessoas LGBTQIA+ são perpassadas pelo silêncio (MELO, 2016), é interessante que pensemos nestes silêncios não como

desejos de afastamento, mas como necessidade de proteção. Ou mais ainda, como processo de silenciamento indesejados. Ao retomar o conceito de arquivo a partir de Jacques Derrida, Carmen Maria Machado (2019) afirma: “Decidir o que entra ou fica de fora do arquivo é um ato político, ditado pela arquivista e pelo contexto político no qual ela vive.” (p. 13). Ou seja, o que está na sua narrativa é uma forma de expressar o que é muitas vezes indizível (DAS, 1999) em razão das dores sofridas. E nessa expressão temos também um ato político.

Desta maneira, o enfoque deste trabalho recai sobre suas memórias e os relatos de suas experiências, os quais não definem o processo de violência per si, mas nos permitem refletir sobre a violência afetivo-conjugal entre casais queer a partir de elementos da história de vida de Carmen Maria Machado.

2 “O COMEÇO, O FIM”: A CASA DOS SONHOS: SENTIDOS GERAIS DA OBRA E A VIOLÊNCIA COMO EXPERIÊNCIA

Na Casa dos Sonhos é uma obra de memórias, dividida em 5 capítulos, que por sua vez são divididos em dezenas de itens, cujos títulos sempre se iniciam por “*Casa dos Sonhos como....*”, e um complemento que faz referência à reflexão ou evento que será narrado. Ao longo das páginas, acompanhamos um pouco da história de vida da própria Carmen Maria Machado, com ênfase no relacionamento amoroso tido com a mulher da casa dos sonhos – cujo nome (real ou fictício) não nos é dado. Deste relacionamento acompanhamos a trajetória de um primeiro interesse, o fim conturbado e as reflexões que decorrem das violências sofridas por Machado, que ela própria identifica como violência doméstica.

O livro não segue, contudo, uma narrativa linear. Os momentos de reflexão que acompanhamos vão e voltam no tempo. Sendo assim, sabemos desde o início do que trata a obra, e estão delineados os finais dos sujeitos envolvidos. Em tese, sabemos o que esperar. Ainda assim, durante a narrativa somos apresentados a momentos-chaves: o encontro e encanto do início do relacionamento; retomadas do passado da autora que tenta de certa forma explicar – para ela mesma – a sua posição enquanto vítima de violência dentro do relacionamento; a descrição de situações violentas; o(s) término(s); os pontos de vistas de amigos, familiares e outros personagens, segundo a autora; bem como eventos sociais e políticos como a legalização da união entre pessoas do mesmo sexo nos Estados Unidos.

Em um item intitulado “*Casa dos sonhos como viagem no tempo*”, ela reflete para si mesma:

Uma das perguntas que a assombrou: se soubesse, você seria mais burra ou mais esperta? Se, um dia, um portal turvo tivesse se aberto no seu quarto e uma versão anterior a sua tivesse saído de lá e contado o que você sabe agora, você teria ouvido? (MACHADO, 2019, p. 33)

Ainda que estejamos falando de um livro de memórias, Carmen Maria Machado faz importantes reflexões a respeito da violência doméstica entre casais queer, em especial entre casais de mulheres queer. Assim, ao longo do livro, são essenciais os capítulos e trechos que tratam de uma certa “vilania queer” (p. 75) e da violência doméstica dentro da comunidade LGBTQIA+. Trata-se, portanto, de uma tentativa de compreender a

própria experiência à luz de questões como identidade e comunidade. É através das recordações das vivências da autora que esses elementos se constituem na obra.

A epígrafe do primeiro capítulo cita uma frase de Louise Bourgeois³ “Empilhamos associações como empilhamos tijolos. A memória em si mesma é uma forma de arquitetura” (apud, MACHADO, 2019, p.9). A reconstituição de suas vivências faz com que a obra seja escrita quase todo tempo em diálogo com ela mesma. Esse é o ponto de vista do leitor, por exemplo quando a narradora afirma “Você nem sempre foi só um Você” (p. 25). Nessa troca consigo mesma, a qual somos convidados à leitura, temos a consciência de que a narrativa acaba selecionando momentos dessa memória. Afinal, como afirma Jedlowski (2003):

O que chamamos de memória é uma rede complexa de atividades, cujo estudo mostra que o passado nunca permanece tal e qual, mas é sempre selecionado, filtrado e reestruturado pelas interrogações e pelas necessidades do presente, tanto no nível individual quanto no nível social (p.217)

Segundo Carmen Maria Machado (2019):

Um livro de memórias é, em sua essência, um ato de ressurreição. Quem escreve as próprias memórias recria o passado, reconstrói diálogos. Conjura o significado de acontecimentos há muito adormecidos. Trança os fios da memória, do ensaio, dos fatos e das percepções e os molda numa coisa só. Quem escreve uma memória manipula o tempo; ressuscita os mortos. Dá a sua, e aos outros, um contexto necessário. (p.15)

Experiências vividas em situações de violência devem ser analisadas não apenas no espaço temporal de eventos críticos, mas especialmente na relação que estas vivências apresentam com o tempo ou com o cotidiano (DAS, 1999; 2007). Quando Veena Das observa os efeitos de momentos históricos e de grandes processos de violência como a Partição da Índia em 1947, e os tumultos decorrentes do assassinato de Indira Gandhi em 1984, ela trata das violências extraordinárias, mas a partir da apreensão da vida ordinária – ou seja, como a vida continua “apesar” ou “por conta” daqueles processos maiores, e nisso encontra formas de vida que seguem seus cursos.

3 “A arte de Louise Bourgeois é conhecida pelo seu conteúdo temático altamente pessoal envolvendo o desejo inconsciente, sexual e do corpo. Os temas se baseiam em eventos da sua infância para os quais ela se apropriou da arte para realizar um processo terapêutico ou catártico. Transformou suas experiências em uma linguagem visual altamente pessoal, por meio do uso de imagens mitológicas e arquetípicas, adotando objetos como espirais, gaiolas, ferramentas médicas e as famosas aranhas para simbolizar a psique feminina, a beleza e a dor psicológica.” (FUNDAÇÃO IBERÊ, 2019)

Entendo que no caso da violência sofrida pela autora de *Na casa dos Sonhos* estamos tratando de uma violência que se segue também no tempo, apesar de não ter uma relação direta com o que normalmente consideraríamos um grande evento. Contudo, é possível que analisemos a violência doméstica como um processo de violência que tem como pano de fundo questões de gênero e poder ligadas para além de unicamente um processo individual, tendo, portanto, efeitos sociais: a depender dos processos de discriminação, estigma e controle, os sujeitos darão continuidade às próprias experiências. Como percebido por Brah (2006) a questão da experiência relaciona-se também com a questão da diferença, e é a partir também destas experiências, por vezes muito próprias e relativas à psique, que os sujeitos se formam. Os sujeitos atravessam determinados momentos adequando-se aos mecanismos, ou por vezes lutando contra eles e promovendo suas escolhas, não como fixos e integrais, mas em relação com o mundo.

No que diz respeito à própria autora sabemos que Carmen Maria Machado é uma mulher que se identifica como queer, relatando relacionamentos amorosos e sexuais com homens e mulheres; para termos americanos, pode ser identificada como latina, já que sua família é cubana; é também uma mulher gorda, em torno de 25 anos durante o relacionamento e escolarizada – durante o período de sua narrativa tanto ela quanto a mulher da casa dos sonhos fazem mestrado em belas-artes.

Passado e presente se relacionam diretamente ao longo da narrativa. O livro não se coloca como uma única tentativa de explicar a violência doméstica entre casais queer, mas sim enquanto um relato que explora facetas de um processo violento muitas vezes invisibilizado dentro da própria comunidade queer – daí termos o ponto de vista de Carmen Maria Machado não como palavra final, mas como reflexão necessária. Retomando uma citação de Joan Scott (1992) no texto de Avtar Brah: "a experiência é sempre uma interpretação e, ao mesmo tempo, precisa de interpretação" (apud, BRAH, 2006, p.361)

A “casa dos sonhos” serve à autora como metáfora e como elemento da realidade. A casa dos sonhos é real, e é nela que parte dos abusos acontecem.

A casa dos sonhos nunca foi apenas a Casa dos Sonhos. Ela era, de acordo com a ocasião, um convento de esperança (jardim de ervas, vinho, escrever na mesa uma de frente para a outra), um antro de depravação (trepar com as janelas abertas, acordar com a boca na boca, o murmúrio baixo e insistente de uma fantasia), uma casa mal-assombrada (isso não pode estar acontecendo de verdade), uma prisão

(tenho que sair daqui tenho que sair daqui) e, por fim, uma masmorra da memória. (MACHADO, 2019, p.110)

É a casa para qual ela se muda durante o relacionamento com a mulher da casa dos sonhos. Um relacionamento que passa a ser conduzido à distância quando aquela vai dar continuidade aos estudos em outra cidade, Bloomington. Inicialmente a casa era o lugar de um relacionamento à três, do qual também fazia parte Val, a namorada da mulher da casa dos sonhos na época, antes mesmo de Carmen Maria Machado.

Apesar de não ter se iniciado ali o relacionamento e as violências, é nesse espaço físico que se desenrolam momentos de euforia e paixão descritas com profundidade, bem como violências diárias a partir de humilhações, xingamentos, brigas e perseguições. Os espaços como sala, banheiro e cozinha compõem a narrativa que trata dos espaços seguros e inseguros durante os anos do relacionamento.

A casa não é essencial para o abuso doméstico, mas é um belo empurrão: um espaço privado onde dramas privados são encenados, como reza o clichê, atrás de portas fechadas, mas também de janelas com isolamento acústico, cortinas cerradas, telefones mudos. Uma casa nunca é apolítica. Ela é concebida, construída, ocupada e policiada por pessoas com poder, necessidades e medos. (MACHADO, 2019, p.113)

Ao mesmo tempo, a “casa dos sonhos” parece servir de metáfora para compreendermos quem é a autora e sua história. Em capítulos como “*Casa dos sonhos como palácio da memória*”, ela descreve momentos de sua vida a partir dos cômodos de uma casa completa, mas com regiões a serem visitadas e outras evitadas: “Há uma porta principal, mas você nunca entra pela porta principal” (MACHADO, 2019, p.29). No caminho de entrada ela reflete sobre “todos os meninos que gostaram de você quando você era menina” (idem, p.30). Na cozinha momentos de mudança para outras cidades, e também de reconhecimento da identidade, e da sexualidade: “A sala, o escritório, o banheiro: namorados, ou quase isso” (idem, p.32). Para enfim narrar: “O quarto: não entre lá” (idem, p.32), ainda que a não tenhamos maiores explicações sobre o motivo, parece inferir sobre o relacionamento com a mulher da casa dos sonhos e os espaços mais íntimos da casa/da identidade.

Nessa visita à casa dos sonhos real e metafórica, somos então levados a outros momentos da vida da autora que parecem tentar encaixar as peças do quebra-cabeça do eu, procurando responder o porquê de ter chegado (e se prolongado) naquele relacionamento violento.

Não comecei a namorar quando a maioria começou. Enquanto os outros adolescentes aprendiam a diferenciar um relacionamento bom de um relacionamento ruim, eu me ocupava sendo estranha ao extremo: rezando muito e ficando obcecada com a ideia da castidade. (MACHADO, 2019, p. 52)

Ao tratar de uma adolescência muito ligada à religião, seu texto expressa elementos entre a negação da sexualidade e o medo. Somos informados também a respeito de um abuso sexual sofrido no primeiro ano do ensino médio (MACHADO, 2019, p. 57). Sobre relacionamentos ou interesses amorosos com rapazes durante a adolescência ela lembra a si mesma: “Você desconfiava dos sentimentos deles porque não tinha nenhum motivo para se amar – nem seu corpo, nem seu intelecto.” (idem, 2019, p.31).

Somos apresentados ao pastor Joel, um homem mais velho que durante o final da adolescência de Machado participa de momentos de flerte, interesse, conexão, culpa e medo. Ainda que não tenha acontecido um romance de fato, parece ser também uma lembrança que ajuda a autora a compreender essa conexão entre passado e presente que para ela ajuda a responder determinados porquês com relação ao relacionamento com a mulher da casa dos sonhos.

Ao longo destas reflexões a autora acredita que é apenas quando se relaciona com a mulher da casa dos sonhos que efetivamente se “cresce”.

Quando enfim consegui voltar a flertar e me relacionar, eu estava um pouco desesperada, um pouco com tesão e confusa demais. Eu não tinha entendido exatamente nada. Virei adulta, portanto, na Casa dos Sonhos, com a sabedoria recém-chegada quase me asfixiando durante o sono. Tudo tinha gosto de alguma coisa que era quase uma epifania. (MACHADO, 2019, p. 61)

Veremos estas reflexões sobre o passado, por exemplo, nas indagações feitas sobre o encantamento inicial pela mulher da casa dos sonhos e os estereótipos e expectativas com relação ao relacionamento com outra mulher, os momentos de negação e de consciência, de necessidade de estabelecer um fim, mas também da necessidade quase física de continuar próxima.

Machado pensa sobre si mesma como uma mulher gorda e as pressões sociais sobre seu corpo: “Parte do problema foi que, como uma mulher gorda e esquisita, você sentiu que teve sorte” (MACHADO, 2019, p.43). Em determinados momentos colhemos informações a respeito da relação de Machado com o próprio corpo, quando ela nos conta que mantinha uma página do LiveJournal (uma rede social de bloggers) “sobre ser gorda”:

“(…) alguém disse nos comentários que você era bonita, inteligente e interessante, mas, enquanto continuasse sendo “rechonchuda”, nunca poderia escolher seus parceiros sexuais” (MACHADO, 2019, p.43). As noções sociais de que gordos não são desejáveis amorosamente se conecta com o que Machado parece ter ouvido diversas vezes e sobre o que ela reflete quando traz um sentido de “sorte” pelo interesse que a mulher da casa dos sonhos teve por ela.

Será que ela foi treinada para te encontrar, ou você foi treinada para ser encontrada? Será que foi porque você já tinha sido amaciada, que nem uma costela de porco, por: nunca ter se apaixonado de verdade, sempre ter ouvido dos outros que sendo uma mulher gorda você tinha que agradecer tudo, ter sido exposta a ideias bizarras de que um relacionamento envolve muita briga e desentendimento? (MACHADO, 2019, p. 288)

Existe ainda nesse sentido, por exemplo, um contraponto na forma como enxergar num primeiro momento a mulher da casa dos sonhos, no qual se destaca sua beleza com relação à magreza. Somos apresentadas às primeiras impressões da narradora. Impressões apaixonantes e detalhadas sobre o primeiro encantamento:

Ela era baixa, muito branca, magra feito um palito e andrógina, e tinha um cabelo loiro e fino do qual cuidava com uma vaidade despropositada. Olhos azuis, sorriso fácil. Apesar de ser da Flórida, ela tinha um óbvio ar de alguém de classe mais alta, talvez da Nova Inglaterra. Tinha estudado em Harvard, ficava muito galante de blazer e andava por aí com uma garrafa de bolso chique revestida em couro, o acessório mais afrescalhado que você tinha visto na vida (MACHADO, 2019, p.40).

Quando a mulher da casa dos sonhos é descrita, percebemos que ela é menor e fisicamente mais frágil do que Carmen, indo em confronto com a noção de que, nos casos de violência afetivo-conjugal, apenas “o mais forte” da relação pode ser o agressor.

Outros sujeitos ainda perpassam história, em especial os amigos, como John e Laura, ou Sam, que percebemos como testemunhas de um processo que se deteriora ao longo de pouco tempo. Em parte, eles fazem vezes de um leitor que a questionaria “porque essa pessoa não saiu desse relacionamento?”, ou então “porque aguentar isso?”. Após uma briga por telefone com a mulher da casa dos sonhos, por exemplo, Machado relata que “(…) seu amigo Sam [...] ouve por acaso um momento em que ela te faz chorar, e depois passa a tratá-la com frieza, mas você preferia que ele fingisse não ter ouvido nada” (2019, p. 81).

Essa também é uma questão que ecoa para a própria autora: “Todo mundo só diz *Por qual razão não saiu? / Por qual razão não partiu? / Por qual razão não falou?*” (MACHADO, 2019, p. 211, destaque da autora). Um dos elementos mais importantes a serem refletidos pela memória de Carmen Maria Machado é compreensão também da narrativa de uma pessoa que passa por um processo de violência que é, quase sempre, extremamente complexo, como dissemos anteriormente (GROSSI, 2006).

Serão necessários alguns anos, inclusive para além da publicação do livro, para a apreensão de alguns sentidos relatados nas memórias. A mulher da casa dos sonhos terminará o relacionamento por ter se apaixonado por outra pessoa. Ainda assim, o relacionamento conta com muitas idas e voltas, ameaças e sentimentos de dor profunda: “Quando chega ao fundo do poço, você flerta com a ideia de morrer. (...) Qualquer coisa para dar um fim a essa situação. Você esqueceu de que pode ir embora” (MACHADO, 2019, p. 244).

A narrativa não termina com o fim do relacionamento. Acompanhamos também a recuperação de Machado e seu processo de escrita como forma de “exorcizar”⁴ o tema. Saberemos que ela se relacionará com outras pessoas, que se casará com Val – a que era parte do inicialmente relacionamento à três com a mulher da casa dos sonhos – e que precisará revisitar um tema difícil para si mesma, e enfrentar a negação dos que a circundam: “Mais cedo ou mais tarde, todos se esquecem.” (MACHADO, 2019, p.322). E complementa mais à frente:

Um lembrete para se lembrar: só porque a agudez da tristeza arrefeceu, não significa que um dia essa mesma tristeza não foi insuportável. Significa apenas que o tempo e o espaço, criaturas de proporções e generosidade infinitas, se interpuseram entre vocês, e hoje a protegem como no passado não puderam. (idem, p. 324)

Essa reflexão sobre o tempo e o espaço, sobre o arrefecimento da tristeza nos ajudará a tratar novamente dos estudos de Veena Das (2007) a respeito do tempo e das formas como os sujeitos vivenciam e narram suas histórias, em especial aquelas ocorridas em contextos violentos. Não se pode falar em uma narrativa única, e expressar tais

4 Em entrevista para o Caio Delcolli (2021), do site Universia, ao ser questionada se o processo de escrita teria funcionado como um “exorcismo”, a autora responde: “Pois é, “exorcismo” é uma boa palavra para definir o processo. Eu o tenho descrito como “expelir uma pedra no rim”, como se fosse algo em meu corpo que eu tive de colocar para fora. Não me sinto exatamente bem, mas me sinto aliviada, porque tem outros livros que eu quero escrever e esse estava no meu caminho. Eu precisava me desvencilhar disso. Não me sinto bem, mas sinto que fiz algo que me trouxe alguma satisfação....”

experiências requer “pensar no texto não como algo acabado, mas em processo de produção” (DAS, 1999, p.31).

A escolha por Veena Das em parte da mediação teórica não se dá à toa; é a percepção da importância do trabalho do tempo e da observação das minúcias narrativas à longo prazo e o lidar com a violência que me interessam aqui. Como observam Misse, Werneck e Birman (2012), desde há muito, Veena Das vem se preocupando em pensar em categorias como “violência e sofrimento” não a partir de uma definição formal destes temas, mas da experiência observada no trabalho de campo decorrido ao longo de anos, demonstrando como “as conhecidas oposições individual/social, representação/experiência, saúde/sociedade, intervenção/sofrimento estão longe de ser excludentes entre si.” (p. 336). Justamente por isso é que, em *Life and Words* (2007), acompanhamos histórias e narrativas de décadas das interlocutoras de Das, e que a antropóloga mantém contato com as mesmas durante muitos anos. Existe a tentativa de captar o trabalho do tempo nos processos individuais com pano de fundo sociais/gerais/estruturais.

Ainda na entrevista concedida aos antropólogos, Veena Das afirma:

Uso a noção de sujeito como condição para falar de experiência. Mas a categoria “experiência” envolve postular a noção de um mundo no qual a experiência faz sentido e a considerar a categoria tempo, já que o sujeito não é uma entidade pré-dada para a qual a experiência acontece. Vejo o humano constitutivo dos dois polos – ativo e passivo –, reconhecendo nossa necessidade de autonomia e separação, bem como de dependência e conexão. (DAS, 2012 in MISSE; WERNECK; BIRMAN, 2012, p.344)

Além disso, como reflete Das (1999), determinados processos de violência nos fazem perder a capacidade de utilizar palavras para os representar. Ainda que, novamente, ela esteja tratando dos horrores das guerras, me parece válido observar de que maneiras sobreviventes de relacionamentos amorosos violentos conseguem analisar a própria história e seus horrores, assim como Machado.

Minha análise busca se aproximar dessa noção de sujeito e experiência em um contexto específico de violência, na medida em que entendo que as memórias de Carmen Maria Machado por si só não poderão delinear as formas de violências experienciadas por todas as pessoas queer, mas estabelece uma possível reflexão. Como se apresentam questões de poder, dependência, normas sociais, estigmas e agência na violência afetivo-

conjugal entre pessoas fora na matriz heteronormativa? E como podemos entender estes elementos pela experiência narrada por Machado?

A partir de uma narrativa fragmentada entre momentos de paixão e encantamento, e outros de explosões e ameaças, a autora nos traz elementos chaves para compreender a violência que se coloca em relacionamentos amorosos de maneira geral, mas sem deixar de lado a necessária observação das especificidades de relacionamentos afetivos-conjugais entre pessoas queer.

3. “O PRIMEIRO, O ÚLTIMO”: VIOLÊNCIAS AFETIVO-CONJUGAL ENTRE CASAIS QUEER A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE CARMEN MARIA MACHADO

Ao tratarmos da violência afetivo-conjugal que atinge mulheres o debate se coloca especialmente nos casos envolvendo mulheres heterossexuais. Santos e Izumino (2005) analisam, por exemplo, a trajetória dos estudos feministas desenvolvidos no Brasil a respeito da violência contra mulher e violência de gênero, destacando 3 correntes principais: a primeira retomada principalmente pelo trabalho de Marilena Chauí durante os anos 80, “concebe violência contra as mulheres como resultado de uma ideologia de dominação masculina que é produzida e reproduzida tanto por homens como por mulheres” (p.149). A segunda corrente avança sobre a perspectiva tratada em especial por Heleieth Saffioti, na qual “vincula a dominação masculina aos sistemas capitalista e racista” (p.150). Ou seja, existe uma questão estrutural que conforma mulheres em papéis de menor valor social, e moralidades estritas, de maneira que a violência é ferramenta para a manutenção desse *status quo* de prevalência do patriarcado.

Considerando tais correntes, interessaria refletir sobre a questão a partir de casais queer: não havendo um sujeito identificado como “homem” na relação, onde se localizaria a dominação masculina/ patriarcal? Indo além nestes sentidos, e concebendo que a dominação masculina estabelecer-se-ia estruturalmente na teia social, exercendo controle sobre as mulheres (como no caso das próprias mulheres que defendem moralidades patriarcais, ou agredem maridos, filhos e outras familiares), poderíamos lançar a hipótese de que mesmo relacionamentos nos quais não existam indivíduos identificados enquanto homens, características da masculinidade seriam replicadas como espelho das relações heterossexuais, incluindo aí a violência como reflexo do controle do masculino sobre o feminino.

Avalio que tais hipóteses não dão conta de compreender casos de violência afetivo-conjugal entre pessoas fora da matriz heteronormativa, em especial com relação aos debates mais atuais em relação aos papéis sociais de gênero, identidade e sexualidade. Inclusive, a hipótese de replicação do masculino por uma das pessoas da relação tende a abraçar noções de que sujeitos que se identificam como mulheres e performatizam papéis de gênero ligados ao masculino, como as *butches*, seriam exclusivamente os polos agressores.

Interessa-nos, então, a terceira corrente, já dos anos 90 e que trata de uma perspectiva entre dominação-vitimização, promovida em especial no pensamento de Maria Filomena Gregori. Aqui existe determinada autonomia para a mulher violentada, não podendo esta ser tratada apenas como vítima, mas sim como “cúmplice” de um relacionamento cujas bases de comunicação muitas vezes se constituem por processos violentos, e que reforçam a percepção e discurso das mulheres como “não-sujeitos”, seja por prazer ou medo. Como destacam Santos e Izumino (2005), retomando a própria Gregori, a autora não procura “culpar” a mulher pela violência sofrida ou pelo papel de vítima, mas sim compreender contextos violentos e seus significados. Os casos emblemáticos neste sentido são os de mulheres que não desejam terminar seus relacionamentos, mas fazer com que o Estado, na figura do juiz ou da polícia, seja o mediador da relação com o companheiro, controlando a violência. A problemática para Santos e Izumino aqui, é que nesta corrente existiria uma percepção de igualdade de condições entre os parceiros, o que não acontece na prática.

Em sentido contrário ao de Gregori, então, Santos e Izumino (2005) no mesmo artigo destacam a importância de considerar as relações de poder dentro do relacionamento. Para elas: “Por afastar de sua análise qualquer referência ao poder, Gregori assume uma igualdade social entre os parceiros.” (p.153). A questão da diferença de poder ajuda a explicar mais do que apenas os sentidos de que a violência pareça estar inerente aos homens ou aos sentidos de masculinidade como agressora e feminilidade como vítima. Ao considerar apenas o masculino como agressor, invisibilizam-se casos como os explorados neste trabalho. É necessário que outras dinâmicas de relacionamento e suas características sejam analisadas.

Como Santos e Izumino (2005): “A situação de violência conjugal, por exemplo, encerra uma relação de poder muito mais complexa e dinâmica do que a descrita pelo viés da dominação patriarcal” (p. 157). O poder então pode ser exercido por aqueles que estão dentro do relacionamento, e ali a tentativa de controle se instala de diferentes formas.

Diversos autores apontam similaridades entre a violência praticada em um relacionamento heterossexual e entre aqueles de pessoas de fora da matriz heteronormativa (CHAN, 2005, TIRADO; YEDRA; PÉREZ, 2014; AVENA, 2010). Assim, como destaca Risctock (2005) as violências ocorridas entre casais de pessoas fora

da matriz heteronormativa “podem assumir muitas das mesmas formas da violência doméstica heterossexual” (p.4).⁵

Por outro lado, podemos nos questionar a respeito de quais significados sobre a violência entre um casal queer, podem ser apreendidos a partir das memórias de Machado? Quais elementos de poder nos ajudam a compreender casos como este? Quais elementos devem ser retomados quando tratamos de relacionamentos afetivo-conjugais quando formados por sujeitos de alguma maneira fora da matriz heteronormativa?

Mais diretamente pesquisas realizadas sobre o tema da violência entre casais do mesmo sexo apontam que:

Como características y manifestaciones de este fenómeno, se ha encontrado que las lesbianas tienden a sufrir con mayor frecuencia de golpes, amenazas verbales, cuestionamientos respecto a su orientación sexual y aislamiento social, mientras que en las parejas de hombres el abuso sexual es más frecuente. Así mismo, se ha identificado que la violencia psicológica es diaria en más de la mitad de los casos y que las personas casadas ejercen mayor control sobre la persona maltratada (ALDARTE, 2010; MENA, RODRÍGUEZ Y MALAVÉ, 2005 apud TIRADO, YEDRA E PÉREZ, 2014).

Autores como Chan (2005, p.3) destacam ainda outras características específicas com relação a violência afetivo-conjugal entre sujeitos fora da matriz heteronormativa. Elas ocorrem, por exemplo, quando um dos sujeitos ameaça ou acaba expondo o outro a tornar pública sua identidade ou orientação sexual quando este ainda não é um desejo do parceiro; quando um dos parceiros diz ao outro que o sistema jurídico e policial não dará assistência legal ao caso, na medida em que o próprio sistema seria homofóbico; bem como quando afirmar-se ao parceiro que aquele comportamento violento é natural entre casais formados por pessoas fora da matriz heteronormativa.

Merrill (1996, p.12, apud CHAN, 2005, p.5), por sua vez, ainda chamará atenção para determinados equívocos normalmente colocados a respeito dos casos de nosso interesse. Para ele existe a percepção de que a violência entre casais formados por homens (no que poderíamos acrescentar sujeitos que se identificam como homens) seriam “lógicas”, pelo fato de homens tenderem a ação violenta de forma natural. No sentido oposto não existiriam casos de violência doméstica ou abuso entre mulheres, em razão destas não terem tendência a ações violentas. Nestes casos também não seriam violências

5 No original: “Lgbtq partner violence can take many of the same forms as heterosexual domestic violence”

mais graves do que as perpetradas por homens contra mulheres, em razão da “igualdade” que se estabelece entre os gêneros, podendo-se considerar o abuso como sendo mútuo. Quando não, o que pratica a violência deve ser o “homem” ou o/a “butch”, ou seja, o que opera sentidos de gênero mais próximos da masculinidade heteronormativa.

Podemos perceber na narrativa de Machado o que também conseguimos notar em outros casos de violência afetivo-conjugal, perpassando ainda por elementos inerentes à experiência queer: a dependência do outro em razão dos afastamentos das redes de apoio; a culpa, conforme observa Nunan (2006, apud LUZ; GONÇALVES, 2014) de transparecer um relacionamento violento, na medida em que isso “mancharia” os sentidos de representação amorosa digna de valor moral. No caso de relacionamentos queer a pressão externa por demonstrar que ali existe “amor”, pode ser encarado como um efeito de décadas de luta por reconhecimento (HONNETH, 2003) que buscam em elementos morais uma forma de “aprovação” do eu e do grupo.

Em um contexto americano de avanço do ativismo e das mudanças políticas, temos um contexto no qual o relacionamento com a mulher da casa dos sonhos passa a ser problemático.

E parece horrível, mas é, na verdade, libertador: a ideia de que “queer” não é sinônimo de “bom”, nem “puro”, nem “certo”. É apenas um estado – que está sujeito à política, às suas próprias forças sociais, a narrativa mais ampla, a complexidades morais de toda sorte. (MACHADO, 2019, p.70)

Nesse caso a sua reflexão se dá sobre os casos que Machado chama de violência doméstica dentro das comunidades queer. Tais processos são observados por ela como velados. Esse silêncio existiria em parte pela necessidade do ativismo queer (de maneira geral) em “deixar de lado” histórias que pudessem tirar o foco dos abusos cometidos contra a comunidade por pessoas heterossexuais. Isso também se reflete na questão da invisibilidade da violência destacada por Luz e Gonçalves (2014) e que atribuem parte do silêncio que se estabelece sobre o tema a partir dos próprios movimentos LGBTQIA+ que tendem a “ignorar a existência dessa violência, provavelmente pelo medo dela reforçar o estereótipo negativo sobre esses relacionamentos” (p. 89).

Daniella Avena (2010) se propõe ainda a analisar a violência doméstica a partir dos casos envolvendo especificamente mulheres lésbicas, percebendo questões que ela define como realidades ou mitos. Em seu artigo ela sumariza elementos como por

exemplo, a recorrente falta de suporte familiar para mulheres que, em razão de suas identidades tidas como desviantes, muitas vezes passam a depender apenas da companheira, algo que perpassa também a dependência financeira, emocional, afetiva. Nisto ainda se acrescenta o preconceito em razão da sexualidade dentro das delegacias, mesmo as especializadas em violência contra mulher.

Além disso, Avena (2010) também destaca as noções socialmente construídas de que mulheres não são violentas, e que entre “iguais” não haveria a mesma problemática que se observa entre casos de violência entre “diferentes”, observando novamente as questões de igualdade ou diferença de poder como exclusivamente atreladas ao gênero. De certa maneira isto é uma questão para Machado (2019), quando destaca que ser violentada por um homem seria algo esperado, na medida em que isto estaria de acordo com os sentidos da violência atrelados ao exercício da masculinidade.

(...)você queria que ela fosse homem, porque aí pelo menos daria para confirmar as percepções que as pessoas já tinham sobre os homens, e ela provavelmente não ia entender, mas a última coisa que mulheres quer precisam é de propaganda negativa (...) (MACHADO, 2019, p. 188)

Luz e Gonçalves (2014) indicam que a frequência de casos de violência doméstica entre casais heterossexuais e homossexuais são bastante próximas, mas o que acaba diferenciando os casos, na maior parte das vezes, diz respeito ao que identificam como “preconceito sexual, que, institucionalizado ou internalizado, oculta os casos de violência entre esses casais, além de manter impune e reforçar a violência” (p.80). Podemos afirmar que muito da construção do que os autores chamam de “preconceito sexual”, reforçar-se também pelo processo social de leitura de pessoas não-heterossexuais.

Durante minha pesquisa de doutorado (2021) destaquei que os casos de homicídio afetivo-conjugal entre casais do mesmo sexo parecem ser lidos por operadores do sistema jurídico como casos normalmente mais passionais e violentos – ainda que esta percepção careça de maiores detalhes explicativos que justifiquem sua existência. Como afirmam Luz e Gonçalves (2014):

A moral social, igualmente heterocêntrica, ora encara a relação homossexual como “doentia por natureza” (NUNAN, 2006), justificando por extensão a violência que tem lugar ali, ora tende a idealizá-la, supondo-a necessariamente imune à violência. (p.88)

Posicionando estas lentes a partir das formas tomadas pela diferença de poder entre sujeitos parte do relacionamento afetivo-conjugal e pelas características trazidas a partir de outras pesquisas sobre a violência afetivo-conjugal em relacionamentos fora da matriz heteronormativa, podemos analisar o relacionamento de Maria Carmen Machado para além dos sentidos de igualdade por identificarmos duas pessoas do mesmo gênero no relacionamento, e focar em especial nas questões de poder e controle a partir das especificidades enfrentadas naqueles relacionamentos. Ou seja, não é a igualdade ou diferença da identidade de gênero que explicará *per si* a violência ocorrida, mas em especial a diferença de poder que se estabelece intra-relacionamento, e que, todavia, não deixa de ser atravessada pelo gênero, nem pela sexualidade, pela classe, pela cor e outros marcadores.

Muitos destes sentidos podem ser acessados por nós ao longo da narrativa quando a autora fala de seu passado e presente, de seus sentimentos enquanto uma mulher gorda, enquanto descobre a sexualidade e sua relação com a religião por exemplo. São elementos de suas experiências que não se esgotam no tempo, que compõe determinada estrutura social que estigmatiza determinados corpos e agências, e que também nos ajudam a apreender sentidos de violência.

Ainda assim, Machado lembra como a construção dos sentidos de feminilidade e masculinidade também influenciarão na compreensão de situações de violência entre casais queer, seja no mundo social ou no mundo jurídico. Entre suas memórias e reflexões, Machado traz a história de Debra Reid, para poder debater a respeito da violência doméstica em relacionamentos lésbicos. Machado nos conta que Debra era parte das “Oito de Framingham” “um grupo de mulheres presas por terem matado seus parceiros abusivos” (p.195) e que viram notícia em 1992. Debra era a única lésbica do grupo, além de ser uma mulher negra. Apesar das tentativas dos advogados de defini-la como a “mulher” da relação, ou seja, a que cuidava das crianças, cozinhou e tomava conta da casa, performando um papel “feminino” e, portanto, poderíamos dizer, “vitimável”, Debra não teve a pena comutada ou fora solta:

O conselho disse que ela e a namorada tinham “tomado parte num relacionamento em que havia violência mútua” — um equívoco comum quando se trata da violência doméstica queer —, mesmo que esse aspecto nunca tivesse sido discutido durante a audiência. (MACHADO, 2019, p.196)

No capítulo intitulado *Casa dos Sonhos como epifania* ela afirma categoricamente: “A maioria dos casos de violência doméstica está totalmente de acordo com a lei” (p. 161). Vale aqui fazer um parêntese para avaliarmos o caso brasileiro e a importância da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) que cria mecanismos “para coibir e prevenir violência doméstica e familiar contra mulher”, destacando inclusive o Art. 2º e sua aplicabilidade para a segurança de toda mulher, “independentemente de classe, raça, etnia, **orientação sexual**, renda, cultura, nível educacional, idade e religião (...) (BRASIL, 2006, Art. 2º, grifo meu). Destaco ainda como na letra da lei se trata das formas de violências doméstica e familiar contra a mulher, identificando diretamente a violência física, a violência psicológica, a violência sexual, a violência patrimonial e a violência moral.

Os momentos de violência narrados por Machado ao longo do livro não chegam ao homicídio, mas é possível traçar um paralelo com casos de morte de mulheres e as questões morais que perpassam os debates de gênero. Estudos como os de Zamboni, Oliveira e Nascimento (2019) demonstram como os casos de morte de mulheres, quando julgados, organizam em torno de si disputas morais que dão conta do gênero, sexualidade, classe e outros elementos. Decisões jurídicas, como representativas do Estado, são importantes “quando construção dessas decisões influencia a (re)produção de padrões de comportamento para as relações amorosas” (p. 198).

Destaco esta reflexão com relação ao caso de Debra exemplificado por Machado, para atentarmos à estrutura social que norteia estereótipos, experiências e expectativas relacionadas às questões de gênero, e que vão além das relações entre os indivíduos. Na verdade, passam por questões da cultura e chegam mesmo ao Estado, conforme observam Vianna e Lowenkron (2018).

Carmen Maria Machado ainda dedicará um capítulo para compreender a violência doméstica entre mulheres queer, retomando em especial o ensaio “Naming the Violence”, segunda a autora: “a primeira antologia de textos escritos por mulheres queer que tratam da violência doméstica em sua comunidade”(p. 191) de Linda Geraci.

Ela pontua que a ativista Linda Geraci relembra o momento em que uma colega lésbica parafraseou Pat Parker numa conversa com uma conhecida hétero: “Se quiser ser minha amiga, há duas coisas que você precisa fazer. Primeiro, esqueça que eu sou lésbica.

Segundo, nunca esqueça que sou lésbica”. p (191). Carmen Maria Machado acrescenta uma importante nota de rodapé sobre a frase:

A jurista Ruth Hann Robson chama isso de “dupla demanda teórica” e adiciona: “A demanda, é claro, é mais do que dupla em muitos casos. Como a poeta lésbica e negra Pat Parker escreve em seu poema ‘Para a pessoa branca que quiser saber como ser minha amiga’: ‘A primeira coisa que você deve fazer é esquecer que sou Negra/ A segunda, nunca esquecer que sou Negra’”. (MACHADO, 2019, p. 191)

Na visão de Carmen Maria machado essa dupla demanda teórica tem razão de ser na liminaridade eterna da mulher queer, que segundo ela é uma “maldição” especialmente pela incapacidade— ou quem sabe falta de vontade - de heterossexuais em nunca saber “o que fazer com as pessoas queer, isso quando chegam a pensar em sua existência” (2019, p.191).

Aqui o nó se coloca em especial sobre os casos de violência e a imensa dificuldade de compreender não apenas que os casos de violência afetivo-conjugal atingem casais queer, mas sobretudo de que maneira os atingem. Afinal, primeiramente é preciso considerar o casal queer efetivamente em um relacionamento afetivo-conjugal. Caso isso não seja sequer alcançado, temos um problema de ordem moral (e, por consequência, legal). No caso específico de mulheres queer, é preciso que se considere a capacidade de uma mulher queer (esqueça o que sou, e não esqueça o que sou), exercer papéis diferentes da expectativa do feminino exclusivamente agredido, como no caso de Debra Read.

Autores como Nunan (2004) compreendem que a homofobia é um aspecto determinante para a compreensão dos casos de violência dentro de relacionamentos entre pessoas de fora da matriz heteronormativa. Para ela a homofobia quando institucionalizada constitui um impedimento para denúncia. Poderíamos citar por exemplo, sujeitos representantes do Estado como policiais, juizes, promotores que não definem uma relação entre pessoas queer como relações cobertas pela definição de violência doméstica.

Num segundo momento existiria a questão da homofobia internalizada que causaria vergonha ou medo de rejeição, bem como agressividade. Acredito que tais casos acompanham a literatura em especial dos crimes violentos letais, que resultam na morte dos sujeitos. Em pesquisas anteriores (MELO, 2020) pude perceber que parte dos sujeitos que constituem o sistema de justiça criminal como representantes do Estado, percebem

que os casos de homicídio motivados pela homofobia seriam fruto da frustração e da não aceitação da própria sexualidade ou identidade de gênero.

De nosso ponto de vista, e aplicando tais considerações segundo as memórias de Machado, não considero que as duas explicações apreendam bem os sentidos movimentados em suas memórias. A questão envolvendo as instituições passa a ser objeto de debate a partir de Debra, por exemplo, mas o segundo, que trata da não aceitação da própria identidade não casa com a narrativa que tratamos agora. Não ocorre com Machado o descrito por Alencar, Ramos e Ramos (2018):

O preconceito sexual afasta os amigos e familiares dos homossexuais, deixando a pessoa em situação de violência doméstica, sem base e apoio parental para enfrentar a situação vivenciada. Quem sofre com a violência, não pode contar com serviços especializados ou profissionais capacitados para o trabalho com a violência nas relações homoafetivas (p. 179)

Obviamente que, ao não ser o foco da análise a respeito da obra, não significa que tais variáveis não possam aplicar-se a determinados casos. São casos que podem ser estudados mais profundamente para compreendermos seus sentidos e a relação entre as experiências dos indivíduos e o pano de fundo estrutural.

Esta noções encontram-se àquelas trazidas por Gregori e Zamboni (2020) quando chamam atenção para contextos sociais que perpassam também mudanças na compreensão do que é família, amor, relacionamento, muito atrelados ainda à ótima heterocisnormativa, o que leva por vezes a situações de “clandestinidade”, no qual um parceiro amoroso esconde de todos o relacionamento com a pessoa trans, dentre outros processos que se relacionam à solidão desses sujeitos (p.108).

É preciso considerar nesta análise que os elementos que tratam da violência entre casais heterossexuais não devem ser entendidos de maneira desigual aos processos de violência entre casais queer (ou qualquer categoria definida como não-heterossexual), mas sim de maneira a atentar para suas peculiaridades e necessidades de análise específicas em razão dos contextos no quais se inserem e nas problemáticas relacionadas. É preciso, como quando Machado traz Linda Geraci, que saibamos analisar as liminaridades entre do relacionamento queer e suas particularidades para além dos conceitos que abarcam apenas contextos heteronormativos – que por sua vez já contam com suas próprias complexidades. Na sequência trataremos da violência afetivo-conjugal

entre casais queer a partir do relacionamento entre Carmen Maria Machado e a mulher da casa dos sonhos.

3.1 “A beira do abismo”

Em um dos trechos de sua narrativa Carmen Maria Machado (2019) afirma: “Desde que me conheço por gente sou obcecada por beiradas, pelos limites físicos e temporais. O começo, o fim. O primeiro, o último. A beira do abismo” (p. 97). Essas percepções não parecem falar apenas da vida, mas encaixam-se bem como metáforas que remetem ao turbilhão de eventos ao longo do relacionamento violento.

No decorrer do livro nos deparamos com expressões como “intensidade”, “epifania”, “milagre”, “obsessão” e “agridoce”. Para além de seus usos como recursos linguísticos, elas expressam sentimentos ligados ao relacionamento violento com a mulher da casa dos sonhos. Seus sentidos preenchem noções que a literatura identifica claramente como relações violentas conforme indicamos anteriormente.

Em diversos trechos Machado expõe seu sentimento de inferioridade e estranheza. Sentidos que apontam para a diminuição de si, como se houvesse uma grande sorte no fato da agressora desenvolver qualquer sentimento amoroso por Machado, seja por questões advindas do passado ou do momento em que narra: “Você não sabe qual milagre é maior: o corpo dela ou o amor que ela sente pelo seu corpo.” (2019, p. 69).

São muitos também os momentos de comparação que ela mesma faz com relação a mulher da casa dos sonhos: “Embora tivessem a mesma idade, você sentia que ela era mais velha: mais sábia, mais experiente, mais versada nas coisas do mundo” (MACHADO, 2019, p. 41). Ou ainda: “Ela lê seus contos e fica maravilhada com a beleza das suas frases” (idem, p.42)

Ainda que estes atos fossem se apresentando para Machado como breves momentos, ela nos narra situações em que se intensificam, prologam e chegam ao limite do racional. Em determinado momento Machado conta que sua menstruação atrasara em determinado mês, e que fica com medo de estar grávida e nas consequências que uma

possível traição traria – ainda que faltasse uma pequena peça nesse quebra-cabeça: ela não se relacionava com homens há anos.

Inicialmente as características apresentadas a respeito da mulher da casa dos sonhos são bastante opostas ao que inicialmente compreendemos como comportamentos violentos. Machado a vê como uma mulher confiante, aventureira, inteligente e respeitosa. Sobre a primeira vez que transam, por exemplo, as permissões parecem desenhar um relacionamento seguro “Toda vez que a mão dela muda de lugar, ela sussurra ‘posso?’” (MACHADO, 2019, p.38).

Contudo, a intensificação das violências fica palatável ao longo da obra, assim como podemos perceber em outras narrativas sobre a violência doméstica. As mudanças de humor rápidas, os xingamentos e violência.

Em um capítulo intitulado “*Casa dos sonhos como presságio*” a namorada de Machado a xinga quando Machado passa algumas horas sem responder as mensagens da mulher da casa dos sonhos. Machado estava consolando uma outra pessoa durante o trabalho. Era um “presságio” porque pela primeira vez ficara nítida a expressão violenta, não apenas o controle e a dependência que vinha se desenhando: “Enquanto você manobra o carro e se afasta do meio-fio, sua namorada bate no painel com toda a força. “Onde você se enfiou, caralho?” (MACHADO, 2019, p.73). Há ali um espanto por parte de Machado por não esperar aquele comportamento, mas perceberemos ao longo do tempo que ele passa a ser esperado e temido.

A primeira agressão física, segundo nos narra a autora, acontece durante uma visita aos pais da mulher da casa dos sonhos. Após uma série de discussões, acusações, altos e baixos da namorada:

Ela te aperta com força, e começa a machucar. Você não entende; não entende de uma forma tão profunda a ponto de seu cérebro deslizar, saltar, voltar atrás. Você solta um arquejo, o menor arquejo possível. É a primeira vez que ela encosta em você de um jeito no qual não há amor, e você não sabe o que fazer. *Não é normal, não é normal, não é normal.* Sua cabeça faz o que pode para encontrar uma explicação, e ela te machuca cada vez mais, e tudo ao redor para de se mover. (MACHADO, 2019, p. 92, grifo da autora)

O sentido de “não é normal” parece ser uma mudança de pensamento até ali, mas na verdade o processo se intensificará. O que antes eram olhares amorosos e de ternura

pela admiração, torna-se medo. Após essa lembrança, a autora descreve a situação em que confronta a agressão:

“Precisamos conversar”, você diz. “Hoje, quando você apertou meu braço... Aquilo me assustou muito. Você pegou em mim de um jeito que não demonstrava preocupação nem amor. Você pegou em mim com raiva” (MACHADO, 2019, p. 93)

Carmen Maria Machado descreve a vergonha que sentiu em questionar a namorada com os termos “amor”, como se fosse uma “hippie”, em suas palavras, mas reconhece que não sabia questionar de outra maneira aquela agressão. E continua:

“Você apertou sem parar e...” Você ergue o braço, onde um leve hematoma começou a se formar, para fora da água. “Por que você fez isso?”

“Ela fica com o olhar vazio por uma fração de segundo, e logo em seguida seu queixo começa a tremer. “Me desculpe”, ela diz: “Não foi por querer. Você sabe que eu te amo, né?”. (MACHADO, 2019, p. 93)

De uma maneira bastante direta e didática, a cartilha “Viver sem violência é direito de toda mulher”, elaborada em 2015 pela então Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (2015, p. 14), chama atenção para um “Ciclo de violência” que costuma manifestar-se dentro das relações violentas. A cartilha indica a fase de tensão, constituída especialmente a partir de agressões verbais; passam à fase de agressão, marcada pelo descontrole e “violenta explosão”; para chegar ao momento de fazer as pazes, em que a parte agressora promete mudanças e pede perdão.

Enquanto um objeto didático e que busca informar de maneira clara e objetiva a cartilha cumpre o importante papel de caracterizar a violência contra mulher. Por sua vez, é importante observar, assim como na situação de Machado, como os casos que não chegam à agressão física mais intensa, não deixam de ser intoleráveis. Ou seja, não é necessário que definamos a violência apenas pela existência das 3 fases, mas que possamos observar os significados que constituem os processos de agressão.

Depois — quando ela estiver tentando falar com você sem parar e mandando e-mails com pedidos de desculpas floreados no Yom Kippur, e quando as pessoas não acreditarem no que você conta sobre ela e sobre a Casa dos Sonhos —, você vai desejar que ela tivesse te batido. Que tivesse usado força suficiente para te machucar de maneira óbvia e grotesca, para que você tirasse fotos, para que você procurasse a polícia, para que você tivesse conseguido a medida protetiva que queria. Com força suficiente para que o bom senso que lhe abandonara por todo

aquele tempo que você passou na Casa dos Sonhos voltasse de uma vez só. (MACHADO, 2019, p. 305)

Se Machado não chega a apanhar, são muitos os momentos em que a ameaça e o medo assumem contornos perturbadores. Um dos últimos momentos dentro do relacionamento a autora conta como foi perseguida dentro de casa, e se escondeu no banheiro.

Você se levanta, destranca a porta. Você sai do banheiro tremendo, chorando. Ela está sentada no sofá, olhando para o nada como uma boneca. Ela se vira e olha para você como uma expressão frouxa.

‘O que aconteceu’, ela diz, ‘Por que você está com essa cara de chateada?’

Nessa noite, a arma é disposta sobre a cornija da lareira. A arma metafórica, é claro. Se houvesse uma arma concreta, você provavelmente estaria morta (MACHADO, 2019, p 178)

Segundo Saffioti (2002) a violência contra mulher, “Embora ocorra predominantemente na residência, também acontece fora dela”.

No banco de trás do táxi, ela fecha os olhos e começa a resmungar um monólogo que dura a corrida inteira. Sua desgraçada, eu te odeio, vai se foder, Carmen, vai se foder, vai se foder, filha da puta, sua desgraçada, sua vagabunda do caralho, vai se foder...(MACHADO, 2019, p.176)

Isso é exatamente o que acontece com a autora, e segundo ela, uma das razões que explicam a dificuldade em livrar-se de uma situação que parece extremamente complexa. Ela afirma que, em razão de todo esse isolamento, “Seu único aliado é seu agressor ou agressora, o que equivale a dizer que ela não tem nenhum aliado” (idem, p. 108). Ocorre que ao longo dos meses fica impossível esconder – ao menos das pessoas mais próximas de Machado – que um problema estava acontecendo. E tanto o medo do julgamento, quanto a incapacidade de buscar ajuda promovem esse afastamento e o sentimento de estar sem aliados. Além disso fica a sensação de “passar vergonha” ao ser violentada pela própria companheira, de quem se esperava uma relação igualitária pela mesma identidade. A condução psicológica da violência faz Machado dependente da relação com a mulher da casa dos sonhos.

São notórios também os problemas relacionados à confiança na relação amorosa. “Você comete um erro logo no início, embora ainda não saiba disso. Você confessa a ela que vive nutrindo paixões irrelevantes por várias pessoas que conhece”. Ainda que essa fosse apenas uma “idiosincrasia”. Lucena (2009, p.32) observa como a questão da

confiança nas relações amorosas se coloca enquanto um dos elementos fundamentais na formação do vínculo amoroso. Se, contudo, permite que os sujeitos estabeleçam relações, também pode gerar conflito, como no caso de Machado, ao menor sinal de que ela pode ser quebrada – ainda que esse sinal não encontre base na realidade.

“Ao longo do relacionamento de vocês, ela te acusará de ter trepado, ou querer trepar, ou planejar trepar com as seguintes pessoas: sua colega de casa, a namorada da sua colega de casa (...)” (MACHADO, 2019, p.119) e uma lista que se estende como todo um subcapítulo. Exacerba-se aqui a questão da necessidade do controle do outro em corpo e mente. A mulher da casa dos sonhos tenta controlar todos os aspectos da vida de Carmen Maria Machado, mas em momentos que vão da sutileza do cuidado às acusações e ameaças. “Você para de falar de uma aluna que tem muito potencial...’. E o controle funciona e nesse processo percebemos que ele ocorre seja por palavras ou gestos

Você percebe que cantava muito até que ela diz para você parar de cantar. (...) Num raro momento de lucidez, você diz a ela, num tom espetado, que, se ela não aceita sua cantoria, ela não aceita você. Era pra ser uma piada, meio que uma piada, mas parece que não tem graça. “Talvez”, ela diz, a voz fria até a medula. (MACHADO, 2019, p. 152

Estes momentos claramente perpassados por questões que envolvem poder, marcadores sociais da diferença e processos individuais, formando uma teia mais complexa como tratamos anteriormente. Considerar, por exemplo, que a mulher da casa dos sonhos performa um papel masculino e que se confunde com o patriarcado não daria conta de avaliar o contexto. Da mesma forma, outros estereótipos, como a lésbica raivosa, por exemplo, são trazidos por Machado (2019) para a análise:

Narrativas sobre saúde mental e mulheres lésbicas sempre cheiram a homofobia. Eu me lembro de estar na faculdade e assistir a Girlfriend, um raro filme bollywoodiano sobre mulheres queer, no qual uma lésbica butch armada com uma chave inglesa seduz uma femme estonteante, mas cedo ou tarde a femme se afasta e se apaixona por um cara, e a butch perde as estribeiras, tornando-se possessiva e violenta, e por fim morre depois de cair de uma janela. (p.179)

Fosse apenas uma questão definida pelo estereótipo seria bastante simples compreendermos todo ato de violência. Conforme destacado por Alencar, Ramos e Ramos (2018, p.118) questões que envolvam desde as experiências violentas em outros momentos da vida, ao uso de drogas, passando pela necessidade de poder e status, questões econômicas e sociais, são elementos que contribuem para as situações violentas.

Machado nos informa de uma outra situação de violência que ocorre na casa dos pais da mulher da casa dos sonhos, durante a viagem em que foi segurada com força pelo braço. O pai da mulher da casa dos sonhos é visto por elas avançando contra mãe, enquanto bebia e esbravejava. Sem intervir na situação as duas passam pelo local, mas a autora relata que ouve da namorada: ““Eu não quero ser igual a ele”, ela diz, “mas às vezes eu tenho medo de ser”. Ela não parece estar falando com você” (2019, p.93). Apesar de não atrelar o comportamento violento da namorada diretamente ao comportamento de seu pai, fica uma reflexão a respeito do comportamento da mulher dos sonhos ter relação com as formas de violência vivenciadas na própria casa durante a infância e adolescência.

O tensionamento é um elemento que perpassa muitos momentos do relacionamento. Machado compara estes momentos em alguns capítulos quando nos traz a história de Barba Azul. Se na história do vilão que matava suas esposas a “única” coisa que elas não deveriam fazer era abrir uma porta, então em tese, para um leitor desavisado, elas estariam salvas. Mas o que Machado observa em sua história e nos casos de violência afetivo-conjugal é que sempre existe uma condição (“única e aleatória”) e que sendo cumprida ou não sempre será a prévia de outra condição, e assim em diante.

Os limites do controle e do uso da violência se expandem, vão sendo empurrados, ao ponto da vítima – no caso de Machado – perder-se no limite do “não”. Nisto também se impõe os sentidos do feminino “bom” como o feminino submisso e que, em especial nas histórias românticas, submete-se a qualquer coisa (e a qualquer preço) para manter o amor e o relacionamento “vivos”. O relacionamento não viverá. Também depois de alguns termos a dependência e o controle continuam vivos. Com o fim existe uma quebra de expectativas, mesmo que todas as evidências violentas não precisassem de maiores esclarecimentos.

Grossi (1998, p.308) observa como os atos de violência dentro da conjugalidade “remetem a um cenário pré-estabelecido” no qual os envolvidos, repetem e encenam papéis formulados no tempo e na sociedade, eles tratam de um “texto socialmente conhecido”, e nele dor e amor participam dos sentidos do relacionamento. Para ela, muito deste momento de quanto de violência é possível normalizar e aguentar, podem ser compreendidos nesse estado de controle do feminino enquanto bom, fiel, amável que só existe em razão do comportamento “adequado”. Essa perspectiva também é reforçada por

Giddens (1992) para quem a experiência sexual entre homens e mulheres foi estabelecida através papéis rígidos.

As violências afetivo-conjugais, de maneira geral, também se constituem na medida dos elementos morais em nossa sociedade (ZAMBONI; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2019). O interessante é que isto não fica restrito às mulheres heterossexuais, mas se estende, assim como podemos ver em *Na Casa dos Sonhos* a outros sujeitos que de alguma forma estão também limitados por outras moralidades que impelem a determinados sujeitos determinadas expectativas.

No caso de sujeitos fora da matriz heteronormativa temos uma construção histórica que os enxerga como menos humanos (BUTLER, 2014). Quando não apagados de contextos históricos e sociais, acabam sendo construídos como vilões ou sujeito não confiáveis. No caso de mulheres lésbicas, conforme observa Machado (2019) há o aspecto da loucura. Em um dos momentos de sua narrativa, Machado se pega pensando sobre as mudanças fortes e repentinas do humor da mulher da casa dos sonhos, e se questiona sobre a visão que seu pai propagava a respeito de mulheres de maneira geral:

Então, quando ela chega dizendo que namorar mulher é assim, você acredita nela. E por que não acreditar? Você confia nela, e não tem nenhuma outra referência. Você passou a vida inteira ouvido seu pai falar da emoção, da sensibilidade das mulheres (MACHADO, 2019, p. 74).

Essa noção casa com o que destaca Avena (2010) com relação ao controle e a diferença de poder que se estabelece mesmo em sujeitos tidos como “iguais” por identificarem-se como do mesmo gênero, por exemplo: “a vítima é levada a crer que este problema é um reflexo de sua falta de experiência ou entendimento de relações homossexuais” (LEHMAN, 1997 apud, AVENA, p. 102).

No processo de, de certa maneira, apresentar uma vilã real, a sua abusadora, compreendemos o paralelo feito entre esse aspecto da indústria cultural e a mulher da casa dos sonhos. Há, para Machado, um aspecto do fascínio sobre os vilões queer presentes em filmes e livros. É o que compreendemos quando ela analisa algumas cenas nos quais alguns personagens se relacionam amorosamente com os vilões e chamam atenção para “a incapacidade de raciocinar de forma lógica quando se está em plena rebentação das ondas do desejo, do amor e da solidão” (MACHADO, 2019, p.77).

Carmen Maria Machado traz ainda outras perspectivas sobre a leitura de personagens queer. Enquanto normalmente apontam-se problemas na caracterização dos vilões como queer, sinalizando a estreita conexão entre uma sexualidade dita desviante e os sentidos de imoralidade, Machado abre aos leitores seu interesse por estes sujeitos. Ela mesma compreende que são normalmente vistos como fúteis, afetados, ou dominadores, ardilosos (MACHADO, 2019, p.76). Mas traz uma importante ressalva:

No entanto, embora intelectualmente eu reconheça o problema – o código, a forma como a condição do vilão e a condição queer acabam se confundido -, não consigo deixar de amar esses vilões queer da ficção. Eu os amo por sua opulência estética e seu êxtase teatral, sua exuberância, sua crueldade, seu *poder*. Eles sempre são de longe os personagens mais interessantes em cena. Afinal de contas, vivem num mundo que os odeia. Eles se adaptaram; aprenderam a se mascarar. Eles sobreviveram. (idem, p.76)

A vilania descrita por Machado parece carregar um aspecto de vingança contra as humilhações, abusos e maus tratos que pessoas queer (em sua maior parte) sofrem ao longo da vida. Parece apenas lógico no sentindo literário que os personagens que tanto sofreram possam retornar triunfantes, glamurosos e com sede de reparação – desse ponto de visto a moral se amplia para o fascínio. No entanto, quando somos apresentadas à mulher da casa dos sonhos como uma espécie de vilã, outros sentimentos se abrem ao leitor. Apesar desse “interesse” nas idiossincrasias artísticas de personagens queer, Machado que reconhece que:

Há uma questão de representação vinculada ao incômodo que o vilão queer desperta; quando há tão poucos personagens gays na tela, sua vilania desproporcional é – obviamente – suspeita. Ela conta uma história única, para parafrasear Chimamanda Ngozi Adichie, e, na vida real, leva a associações com a crueldade e a depravação (MACHADO, 2019, p. 77)

Na verdade, ocorre que pessoas fora da matriz heteronormativa acabam sendo retratadas apenas em dois níveis possíveis: ou o da vítima incapaz de se levantar por si mesma e dar um basta na violência, ou o do vilão, odiável. Aspectos dos cotidianos e dilemas comuns – os sentidos da experiência - parecem não interessar na tela ou nos livros. Mas casos sejam colocados em contexto com outros personagens queer:

Eles se tornam uma estrela numa constelação maior; ganham contexto. E isso é bem empolgante, até libertador; ao expandir a representação, abrimos espaço para que indivíduos queer sejam – enquanto personagens, enquanto pessoas reais – seres humanos (MACHADO, 2019, p.77)

Contudo, no livro de Machado não estamos tratando de personagens fantásticos. As sequelas psicológicas que perduram no tempo após o fim do relacionamento com a mulher da casa dos sonhos são bastante reais. Aqui estamos tratando de questões de poder. Não é um vilão e uma vítima com contornos românticos e literários. São sujeitos em um processo de violência cuja experiência gera dor e é compartilhada por outros que passaram por processos semelhantes. A literatura vira uma forma de comunicação entre autor e leitor. A validade na reflexão do relacionamento violento entre duas mulheres queer, como acompanhado na obra, está na luz que se coloca em processos muitas vezes invisíveis, como analisamos até aqui. Invisíveis em razão ou do não reconhecimento das identidades e do relacionamento, ou ainda pelo medo de desvalorizar ainda mais relações e sujeitos que ainda buscam reconhecer a validade de seus relacionamentos e famílias. Ainda que seja um transcurso difícil, me parece mais doloroso não o reconhecer às custas da dor silenciada de sujeitos fora da matriz heteronormativa que passam e passaram pelas mesmas dores de Carmen Maria Machado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de suas reflexões, Carmen Maria Machado nos traz o trabalho do teórico queer José Esteban Muñoz para chamar atenção para o fato de que a história queer é normalmente cheia de lacunas, de não, de espaços que ficam sem definição por terem sido impedidos de serem analisados, o que também impede que as pessoas encontrem informações sobre si mesmas. Nisto, seria possível para nós, tratarmos também de tudo que se esconde num armário metafórico, da sexualidade à própria história (SEDGWICK, 2007). O debate acerca da “da violência doméstica dentro das comunidades queer é ainda mais recente, e ainda mais velado” (MACHADO, 2019, p. 15). Ela escreve conscientemente sobre seu livro de memórias como parte de uma história que ajuda a “registrar no arquivo o abuso doméstico entre casais que compartilham da mesma identidade de gênero [que] é tanto possível quanto relativamente comum, e que pode acontecer mais ou menos assim” (idem, p.15).

A compreensão destes casos deve buscar o afastamento de estereótipos de gênero. O que significa, sobre as questões levantadas a respeito das “vilanias queer”, observar os casos de violências não como exclusivamente vilões maléficos e imorais, ou apenas como vítimas frágeis e delicadas. Para Machado, sujeitos queer “Não precisam ser metáforas para a perversidade e a depravação nem ícones da submissão e da docilidade. Podem ser o que são.” (2019, p. 78)

Assim, compreensão da violência entre casais de sujeitos que se identificam como mulheres, deve concordar com a visão na qual a questão se relaciona mais à diferença de poder entre as partes do relacionamento, enveredando pelo controle da outra. E aí sim, devemos considerar todos os outros elementos que influenciam na construção dessa diferença de poder, do gênero à classe, por exemplo, e em especial segundo a experiência dos sujeitos.

O relacionamento violento narrado nas memórias de Machado nos ajuda a constituir um conceito de violência no qual são muitos os tensionamentos experimentados. É por tal experiência que a autora passa ao longo dos anos que nos são narrados. Tais tensionamentos lidam com questões de controle e poder dentro da relação, de maneira que a violência é mediadora. Vale destacar Veena Das novamente:

Toda a pressão de meu trabalho é para dizer que a violência não é uma categoria transparente, porque não podemos aceitar a posição de que uma definição da própria sociedade sobre o que constitua ou não a violência seja suficiente para nós, nem podemos adotar um ponto de vista analítico e proposicional do que possa ser chamado violência. Sustento que a importância de um fenômeno não depende da nossa capacidade de colocá-lo em formas proposicionais às quais podemos atribuir os valores “verdadeiro” ou “falso”. Esse foi o fardo de todo o trabalho de Austin. Então devemos pensar que tarefa a categoria violência como performativo realiza não apenas em nosso trabalho, mas também nos contextos sociais em que ela circula. Foi isso que quis dizer ao falar no duplo registro em que a antropologia tem que operar. (DAS, 2012 *in* MISSE; WERNECK; BIRMAN, 2012, p.345)

Isso não significa dizer que não devemos em determinados contextos sociais tratar da violência como elemento mais acabado. Reforçando a percepção de Veena Das, não precisamos reconhecer nisto excludências. Em minha pesquisa anterior (MELO, 2020) percebemos a necessidade, por exemplo, do mundo legal e jurídico estabelecer formas de definição da violência capazes de coibir, punir ou ressarcir agências que transgridam a legalidade. São esses os sentidos que levam a criação de legislações como a Lei Maria da Penha, e a lei de Feminicídio. Contudo, na análise sociológica, política, filosófica ou antropológica nos é permitido, e mesmo necessário, avaliar complexidades e tensionamentos que os estudos de violência e gênero nos possibilita.

Em sentido semelhante, reconhece-se como difícil a análise da violência que se estabelece no mundo doméstico ou intra-relacionamentos de qualquer ordem. No caso de relacionamentos entre pessoas fora da matriz heteronormativa, incluímos a subnotificação como um empecilho a maior compreensão de seus sentidos quantitativos (LUZ; GONÇALVES, 2014). De um ponto de vista qualitativo, capaz de ouvir, analisar agressões e defesas, temas, problemas que desencadeiam as violências, a influência do preconceito e a discriminação, é preciso encontrar sujeitos dispostos a narrar suas experiências. Aí reside, a meu ver, outra questão importante do livro de Carmen Maria Machado.

Acompanhar a memória de Machado nos abre um pequeno caminho nesse entendimento: ser apresentada à mulher da casa dos sonhos como uma espécie de “vilã” incomoda, e nos obrigada a debater um tema pouco tratado – ou que muitas vezes é definido como uma briga entre iguais, como uma confusão, como coisa de mulheres que

são muito sensíveis etc. Luz e Gonçalves (2014) afirmam categoricamente: “A violência nas relações homoafetivas é, em certa medida socialmente invisível’ (p. 88). Ao abrir suas memórias, Machado nos expõe possibilidades de refletir sobre os contornos que a violência doméstica entre pessoas fora da matriz heteronormativa podem tomar, ao invés de fechar os olhos e deixar o problema de lado. Sua narrativa não é acusatória à identidade, mas é uma retomada de consciência para a imposição de limites, para o reconhecimento de violências, para a reflexão sobre nossas relações amorosas.

Em outras palavras, indivíduos queer – os da vida real – não merecem representação, proteção e direitos por serem moralmente puros ou respeitáveis como grupo. Merecem tais coisas porque são seres humanos, e isso basta (MACHADO, 2019, p.78)

É importante que esse debate se coloque para que possamos desnudar as formas de violência experienciadas por pessoas queer. Nem Machado – e nem este trabalho – estão ignorando as formas de violência sofridas por pessoas queer a partir daqueles de dentro da matriz heteronormativa, em especial por razões homofóbicas. Contudo, ao ignorarmos a violência afetivo-conjugal como um problema real e que deve ser compreendido com maior profundidade, estamos apagando possibilidades de evitar e coibir violências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Renata; RAMOS, Edson Marcos Leal Soares; RAMOS, Maely Ferreira Holanda. Violência Doméstica nas Relações Lésbicas: Registros da Invisibilidade. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 12, n. 1, p. 174-186, 2018.. Disponível em: <https://www.forumseguranca.org.br/revista/index.php/rbsp/article/view/809>. Acesso em: 18 novembro de 21.

AVENA, Daniella. A violência doméstica nas relações lésbicas: realidades e mitos. Aurora. **Revista de Arte, Mídia e Política**, 07. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/3907>. Acesso em: 09 nov 2021.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** n. 26, Campinas, 2006, pp. 329-376.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/mRc75T>>.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CAIO DELCOLLI. Autora sucesso nos EUA: "Ser da comunidade LGBT não é sinônimo de virtude". 2021. **Colaboração para Universa**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/05/em-na-casa-dos-sonhos-camen-maria-machado-narra-relacao-abusiva-com-a-ex.htm>. Acesso em: 31 out. 2021.

CHAN, Carrie. Domestic violence in gay and lesbian relationships. **Australian domestic and family violence clearing house**. 2005. Acesso em 16 de nov 2021
Disponível em:

<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.470.8656&rep=rep1&type=pdf>

DAS, Veena, **Life and words**. Violence and the descent into the ordinary. University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 2007.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 14, n. 40, p. 31-42, jun. 1999. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69091999000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/rpmgFRcZXxZtBMjL4rYZtjR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2021.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Louise Bourgeois**: uma vida que entrou para história da arte. uma vida que entrou para história da arte. 2019. Disponível em: <http://iberecamargo.org.br/louise-bourgeois-uma-vida-que-entrou-para-historia-da-arte/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: Sexualidade, amor erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magna Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

GREGORI, Juciane de. ZAMBONI, Marcela. **Relações Afetivas e Violência**: Sentidos da transfobia no contexto familiar e amoroso. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e Queixas**: Um Estudo sobre Mulheres, Relações Violentas e a Prática Feminista. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993

GROSSI, Miriam Pilar. Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência no vínculo afetivo conjugal, in J. Pedro e M. P. Grossi (orgs.), **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis, Ed. Mulheres, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no brasil. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 21, p. 261-280, 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-83332003000200011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/DthHfWHWWQyxp4kPVKDqSzy/?lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2021.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

JEDLOWSKI, P. Memórias: temas e problemas da sociologia da memória no século XX. **Proposições**, v.14, n.1, p. 217-234, 2003.

LUCENA, Marcela Zamboni. **Quem acreditou no amor, no sorriso, na flor: a confiança nas relações amorosas**. 2009. 258 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Programa de Pósgraduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em:
https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9380/1/arquivo4211_1.pdf. Acesso em: 08 abr. 2020

LUZ, R. R.; GONÇALVES, Hebe. Violência doméstica entre casais homossexuais: a violência invisível. **Bagoas estudos gays: gêneros e sexualidades**, n 9, p. 79-99, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6544/5074>. Acesso em 02 nov. 2021.

MACHADO, Carmen Maria. **Na casa dos sonhos**. Companhia das Letras. Edição do Kindle. 2019.

MELLO, Luiz. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no brasil. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 24, p. 197-225, jun. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-83332005000100010>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cpa/a/d357G9dYTP7sNVQSkJp576p/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 22 nov. 2021.

MELO, Mariana. **Corpo, Violência e Estado: Percepções de operadores do sistema de justiça criminal acerca do homicídio de pessoas LGBTQI+**. 209 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, 2020

MELO, Mariana. **Formas de violência contra mulheres lésbicas: um estudo sobre percepções, discursos e práticas**. 162f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

MISSE M, WERNECK A, BIRMAN P, PEREIRA PP, FELTRAN G, MALVASI P. Entre palavras e vidas: Um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos - Entrevista com Veena Das. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** 2012; 5(2):335-356.

NUNAN, Adriana. Violência Doméstica entre casais homossexuais: o segundo armário? **Psico**, 2004 v. 35, n.1, pp. 69-78

OBSERVATÓRIO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL (Florianópolis). **Relatório Parcial - Nº 001/2021**: Brasil registra 207 lgbti+ mortos de janeiro a agosto de 2021. com 187 assassinatos e 18 suicídios. Florianópolis: Observatório de Mortes Violentas de Lgbti+ no Brasil, 2021. Disponível em: <https://observatoriomortesviolentaslgbtibrasil.org/parcial-setembro-2021>. Acesso em: 27 out. 2021.

RISTOCK, J. Relationship violence in Lesbian/Gay/Bisexual/Transgender/Queer [LGBTQ] communities: Moving beyond a gender-based framework. **Violence Against Women Online Resources**, University of Minnesota, 2005. Disponível em : <http://www.mincava.umn.edu/documents/lgbtqviolence/lgbtqviolence.pdf>. Acesso em 16 nov, 2021

SAFFIOTI, Heleieth. Violência contra a mulher e violência doméstica. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Editora, v. 34, 2002.

SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. “Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre os estudos feministas no Brasil”. **Estudios Interdisciplinários de America Latina y El Caribe**, vol. 16, n. 2005.

SECRETÁRIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES et al. **Viver sem violência é direito de toda mulher**. 2015 Disponível em: <https://assets-compromissoeatitude-ipc.sfo2.digitaloceanspaces.com/2015/05/Livreto-Maria-da-Penha-2-WEB-2015-1.pdf> Acesso em: 19 nov 2021.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 19–54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 7 nov. 2021.

VIANNA, Adriana; LOWENKRON, Laura. O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens. **Cadernos Pagu** [online]. 2017, n. 51, e175101. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201700510001>>. Epub 08 Jan 2018. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/18094449201700510001>. Acesso em: 16 nov 2021

ZAMBONI, Marcela; OLIVEIRA, Helma J.s. de; NASCIMENTO, Emylli Tavares do. Intersecções de gênero, sexualidade e classe em tribunais do júri: valores morais em disputa. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, [S.L.], v. 7, n. 15, p. 190-214, 11 jan. 2019. Sociedade Brasileira de Sociologia. <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.446>. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/5eef/41ea39b774b4067d861deb1c5ff030fc937c.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2021.